

Museu Educação Global e Diversidade Cultural

Cadernos

Poéticas Africanas



**Galeria Poéticas Africanas com Expressão em
Língua Portuguesa**

I

2022



Ficha Técnica:
Informal Museology Studies
Cadernos
Nº 32 – 2022
Editor: Pedro Pereira Leite
Marca D'Água - Edições e Projeto
ISSN – 2182-8962
DOI:

Documentos usados de acordo com:



Índice

Introdução	4
Poéticas Africanas	6
Momentos fundadores	7
Sobre a questão da Língua e da Lusofonia.	8
Moçambique	10
Guiné-Bissau	10
São Tomé e Príncipe	10
Cabo Verde	10
Angola	10
Apêndice Língua Portuguesa no Oriente	10



Introdução

No âmbito dos trabalhos de preparação da Galeria de trovadores e jograis e segréis do Romanceiro em Língua Portuguesa, que o Museu da Autonomia apresentou em 2021, e que foi parcialmente publicado nesta revista¹, verificamos que a partir do século XVIII (num processo que se acentuou ao longo do século XX), a questão do locus da produção poética começou a ganhar relevância.

A afirmação duma língua num determinado espaço traduz simultaneamente uma questão prática e política. Vimos que do ponto de vista da sua função ela constitui um instrumento natural de comunicação entre os humanos dum dado grupo, constituindo uma forma de expressão poética. A sua forma foi evoluindo a partir duma raiz antiga, dita vulgar, misturando-se entre outras, influenciando e sendo influenciada por interações diversas, até que se constitui como um corpo autónomo, com uma gramática, uma sintaxe e um vocabulários que se individualizam de outros territórios. A poética, com os seus estilos e modas, acompanhou esse processo. Do ponto de vista político, a partir do século XVIII a língua torna-se também um instrumento de poder. Quem domina e utiliza o código constitui-se simultaneamente usuário credenciado e senhor da ferramenta da comunicação. Uma ferramenta que é instrumento de dominação e regulação do outro.

Não é portanto qualquer coisa que seja neutra. Há uma intenção no uso para além da expressão poética. Há um lugar da expressão e uma forma da expressão que é relevante.

Foi essa questão que se foi evidenciando na abordagem da questão poética em língua portuguesa, à medida que, no tempo histórico emergiam diferentes lugares de enunciação. Primeiro nas Américas, e depois na África e Oriente.

Ora esse instrumento de comunicação em que a língua portuguesa se constitui é, nesse caso um legado do processo colonizador. E nós ao observarmos o potencial de libertação da poética, não podemos deixar de equacionar, de que forma é que essa libertação se concretiza através do uso da língua, quando esse instrumento de dominação se transforma em instrumento de libertação.

¹ <https://wordpress.com/page/museudaaautonomia.wordpress.com/48>

Pensando dessa forma a língua que não só é um fator relevante na formação de novas culturas e novas identidades, como é um canal de construção de inovação.

De ferramenta de dominação, da invasão e de criação de subalternidade, a poética emergem como criadora de autonomia e pensamento.

A crítica pós-colonial e decolonial defende muitas vezes que é necessário resgatar o silêncio das memórias, de reabilitar o apagão cultural e identitário das línguas nativas. Mas ao analisarmos o que é hoje o corpus de produção poética das diferentes linguagens estéticas verificamos que eles acabam por se exprimir através das várias ferramentas linguísticas, incluindo a apropriação criativa da língua portuguesa. Estamos pois perante um ato libertador, em que a apropriação do instrumento de opressão se transforma no instrumento da sua própria libertação, criando novas sonoridades e ritmos.

Sem esquecer que essa é uma discussão aberta, há que ter ainda em linha de conta que em muitos desses lugares ainda se verificam outros diálogos com as línguas mães ou nativas desses territórios, produzindo diversos crioulos. Ou seja no universo pan-africano de língua portuguesa há lugar para outras especificidades (como por exemplo na Guiné-Bissau e Cabo Verde) que se constituem como outras experiências poéticas.

Para já, neste volume tratamos apenas da forma como evoluiu a poética na língua portuguesa nos territórios africanos. Deixamos deliberadamente de parte, o caso do Brasil (que será trabalhado num outro volume) e dos crioulos africanos (que será tem de outro volume). Num curto apêndice abordamos a geografia de crioulos no Oriente.

Este volume dá corpo aos conteúdos expositivos do Museu da Autonomia.

Ver em

<https://museudaautonomia.wordpress.com/home/poeticas-africanas/>(abrir em uma nova aba)

Paderne, 2 de Janeiro 2022

Poéticas Africanas

Manuel Ferreira em “*Literaturas africanas de expressão portuguesa*”. (Lisboa: Biblioteca Breve; Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1989) discute a emergência da literatura (sobretudo da poesia) nos espaços colonizados pelos portugueses em África, propondo a sua observação através de quatro categorias.

- No primeiro, destaca **o teórico** que o escritor está em estado quase absoluto de alienação. Os seus textos poderiam ter sido produzidos em qualquer outra parte do mundo: é o momento da alienação cultural.
- Ao segundo momento corresponde a fase em que o escritor manifesta **a percepção da realidade**. O seu discurso revela influência do meio, bem como os primeiros sinais de sentimento nacional: a dor de ser negro, o negrismo e o indigenismo.
- O terceiro momento é aquele em que o **escritor adquire a consciência de colonizado**. A prática literária enraíza-se no meio sociocultural e geográfico: é o momento da conscientização e do discurso da revolta.
- O quarto momento corresponde **à fase histórica da independência nacional**, quando se dá a reconstituição da individualidade plena do escritor africano: é o momento da *produção do texto em liberdade*, da criatividade e do aparecimento de outros temas, como o do mestiço, o da identificação com África, o do orgulho conquistado.

Segundo Manuel Ferreira (1989b), o entendimento da literatura africana passa pela compreensão da perspectiva dinâmica que orienta a produção literária, que faz com que esses momentos não sejam rígidos nem inflexíveis e permite que um escritor, muitas vezes, atravessasse dois ou três deles: no espaço ontológico e de criatividade poética do escritor movem-se valores do colonizador que são dados adquiridos, funcionam valores culturais de origem e há sempre a consciência de valores que se perderam e que é necessário ressuscitar.

Numa perspectiva mais historicista, Patrick Chabal (1994) refere-se ao relacionamento do escritor africano com a oralidade e propõe quatro fases abrangentes das literaturas africanas de língua portuguesa.

A primeira é denominada **assimilação**, e nela se incluem os escritores africanos que produzem textos literários imitando, sobretudo, modelos de escrita europeus.

A segunda fase é a **da resistência**. Nessa fase o escritor africano assume a responsabilidade de construtor, arauto e defensor da cultura africana. É a fase do rompimento com os moldes europeus e da conscientização definitiva do valor do homem africano. Essa fase coincide com a conscientização da africanidade, sob a influência da negritude de Aimé Césaire, Léon Damas e Léopold Senghor.

A terceira fase das literaturas africanas de língua portuguesa coincide com o tempo da **afirmação do escritor africano** como tal e, segundo o teórico,

verifica-se depois da independência. Nela o escritor procura marcar o seu lugar na sociedade e definir a sua posição nas sociedades pós-coloniais em que vive.

A quarta fase, da atualidade, é a da consolidação do trabalho que se fez em termos literários, momento em que os escritores procuram traçar os **novos rumos** para o futuro da literatura dentro das coordenadas de cada país, ao mesmo tempo em que se esforçam por garantir, para essas literaturas nacionais, o lugar que lhes compete no *corpus* literário universal.

Se quisermos ter uma visão de conjunto das literaturas africanas de língua portuguesa, torna-se necessário considerar essas fases da produção do texto mas também os grandes momentos de rutura com os códigos estabelecidos.

Momentos fundadores

A crítica e os historiadores concordam que os fundamentos desses momentos caracterizam-se pelo surgimento de movimentos literários significativos ou de obras importantes para o desenvolvimento das literaturas, entre os quais podem ser citados:

- em Cabo Verde, a publicação da revista Claridade (1936-1960);
- em São Tomé e Príncipe, a publicação do livro de poemas Ilha de nome santo (1942), de Francisco José Tenreiro;
- em Angola, o movimento "Vamos descobrir Angola" (1948) e a publicação da revista Mensagem (1951-1952);
- em Moçambique, a publicação da revista Msaho (1952);
- na Guiné-Bissau, a publicação da antologia Mantenha para quem luta! (1977), pelo Conselho Nacional de Cultura.

Referencias

PANORAMA DAS LITERATURAS AFRICANAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

<http://periodicos.pucminas.br/index.php/cadernoscespuc/article/view/14767>

<http://www.museuvirtualdalusofonia.com/lusofonia/conceito/>

Sobre a questão da Língua e da Lusofonia.

A diáspora da língua portuguesa no mundo é complexa e levanta um conjunto de questões relevantes que vale a pena especificar: A língua é antes de ser um instrumento da poética, é a forma de comunicação mais comum entre humanos. É através da língua, ou se preferir, do código linguístico, que a comunicação se processa maioritariamente. É certo que não é a única forma de comunicação. Mas é mais usual. Com tal, a história da língua acompanha a história dos que a usam: os seus falantes ou utilizadores do código.

Ora no território que é hoje o território da nação portuguesa, conviveram no período histórico diversos linguajares, que confluíram na língua portuguesa, tal como a hoje conhecemos. Verificamos, noutro lugar ² que ela evolui a partir dessa matriz de diversidade, com base na sua raiz românica, do latim vulgar, tendo-se consolidando como elemento da poética (na literatura e lírica) a partir do século XV. Também vimos, nesse texto que citamos, que ela- o romanesco da língua, foi mobilizada como elemento dos processos de formação identitário do nacionalismo português. Um fenómeno que se inicia no século XVIII, mas que atravessa a todo o século XIX, com largo reflexos no século XX.

A questão da língua ganha complexidade no processo da diáspora dos portugueses, tornando-se um questão controversa por via da sua dimensão no processo de colonização dos outros povos em outros continentes. A questão da polissemia da ideia da lusofonia, como expressão duma língua como elemento de colonização é uma questão que levanta controvérsias.

Lusofonia é em si próprio um termo complexo como designação da questão dos falantes em língua portuguesa resultantes desse processo de diáspora. É certo que essa diáspora se concretizou de várias formas: Nuns casos conduz a processos de colonização, noutros a processo de natureza comercial; nuns casos gerando violência e dominação do outro, noutros casos processos mais dialogantes ou outro tipo de contatos que se foram desvanecendo no tempo.

Acresce, que a essa questão histórica dos falantes duma língua, a Lusofonia constitui-se também como uma questão política, criada a partir da interação cultural e diplomática pós colonial.

Finalmente a complexidade semântica do termo da Lusofonia, (ao contrário por exemplo da ideia de Francofonia ou mesmo de Hispanidade) apresenta uma busca de uma associação geradora, não com o “povo português” ator dessa diáspora, remetendo para um povo pré-românico: os Lusitanos.

² Em Trovas da Liberdade-Sementes de Futuros, in Informal Museology Studies #31 (2021) Ver em <https://wordpress.com/page/museudaautonomia.wordpress.com/48>

Com essa operação de associação a uma raiz que remete para a mitologia neoclássica (onde os Lusitanos são apresentados como um “povo primitivo”, indomável e rebelde, conforme surge nas descrições do textos clássicos sobre o sudoeste peninsular; e sobre o qual se exerceu a ação civilizaria dos romanos.), não só se associa-se por analogia ao grande poema épico de “*Os Lusíadas*”, escrito por Luís de Camões, nos alvares da formação da gramática desta língua; excuta também uma operação de dissociação da questão da violência histórica do colonialismo. Lusofonia é um conceito pós-colonial que procurando esse tempo primitivo, virtuoso e rebelde, procura saltar sobre o processo histórico colonial. Por tudo isso, a História dessa tal *Lusofonia* é hoje um tema polémico e pouco consensual, o que o torna pouco operativo para olharmos para o presente e para a realidade na língua nestes diferentes espaços.

Se Lusofonia é, para os portugueses, é a tal busca duma pureza original dos tempos primitivos, para outros povos em diferentes azimutes, é apenas uma palavra sem sentido, porque se refere a falantes duma língua sobra a qual nada se sabe de concreto. E se para os portugueses, com a sua diplomacia cultural é um instrumento político, para a maioria das nações afetados pelo processo de colonização, é vista como uma continuidade da herança colonial, que continua a expressar essa mesma violência que se exerceu sobre o outro, na busca da dominação do ser e do seu mundo.

Essa aliás foi uma questão que foi colocada nos vários processos emancipatórios. Contudo a questão da língua a usar, cuja escolha se situava entra a língua herdada dos colonos, ou a escolha de uma ou várias línguas maternas levantava alternativas também elas complexas (com exceção do Brasil, onde no tempo a questão da língua não se constituía como uma elementos da identidade nacional).

Usa o termo Lusofonia, neste trabalho, pouco relevância acrescenta. Embora não deixemos de lado a consciência de que a língua e a lusofonia são questões de debate que expressam uma polissemia que vai da saudade do Império (tal como foi formulado por Agostinho da Silva e Eduardo Lourenço), à crítica pós-colonial (tal como fizeram Amílcar Cabral e Samora Machel) onde língua, mesmo que seja reconhecida como instrumento de colonização, é simultaneamente considerada como tendo potencial de apropriação para gerar a libertação do ser. Por essa razão, ainda que aqui ou ali a Lusofonia tenha algum espaço de encontro e entendimento, esta palavra lusofonia é uma fonte de equívocos difícil de ultrapassar.

Neste trabalho usamos a língua como instrumento de comunicação, com a consciência de que não é um elementos politicamente neutro, mas no qual procuramos explorar o potencial de encontro comunicativo comum. Afinal uma poética tem múltiplos pontos criativos que se constituem como diversidade, ou se quisermos uma poética, de procura de cruzamentos de experiencias e olhares. Usamos pois o termo de poéticas africanas em língua portuguesa.

Moçambique

Guiné-Bissau

São Tomé e Príncipe

Cabo Verde

Angola

Apêndice Língua Portuguesa no Oriente

